

100

AS CONSEQÜÊNCIAS ECONÔMICAS DA PAZ NO IRAQUE

THE ECONOMIC CONSEQUENCES OF THE PEACE IN IRAQ

Edward Nell

*Professor de Economia Malcolm B. Smith, New School University, Nova York
New School University
Graduate Faculty of Political and Social Science
65 Fifth Avenue
Nova York, Ny 10003*

Willi Semmler

*Professor de Economia, New School University, e CEM, Bielefeld University, Alemanha
New School University
Graduate Faculty of Political and Social Science
65 Fifth Avenue
Nova York, Ny 10003
E-mail: semmeerw@newschooledu*

Resumo

O governo americano afirma que invadiu o Iraque porque somente uma “mudança de regime” poderia proteger seus cidadãos da ameaça de armas de destruição em massa. Além disso, argumentam eles, essa mudança removerá uma ameaça iminente à segurança americana e levará a democracia ao Iraque, e esse exemplo contribuirá para o desenvolvimento da democracia na região. Por outro lado, as democracias tendem a ser pacíficas e, assim sendo, o resultado da invasão será maior segurança regional e ameaça menor para os cidadãos dos Estados Unidos.

O artigo defende que a principal causa da Guerra contra o Iraque foi o petróleo. Os Estados Unidos necessitam assegurar para si um suprimento ininterrupto de petróleo por serem grandes importadores e por ser o Oriente Médio a principal fonte do produto. O argumento desenvolvido aponta para custos maiores que os benefícios e defende que ênfase especial deve ser dada à conservação e principalmente às fontes de energia renovável.

Palavras-chave: Guerra do Iraque; fontes renováveis de energia; conservação de energia; produção de petróleo; reservas mundiais de petróleo.

Abstract

The United States Administration claims that it invaded Iraq because only a ‘regime change’ would suffice to protect americans from the threat of weapons of mass destruction. Moreover, they have added, such a change will remove an eminent threat of American security and bring democracy to Iraq and the example this sets will contribute to the development of democracy throughout the region. Democracies, in turn, tend to be peaceful, so the end result of the invasion will be greater regional security and less threat to US citizens.

The article argues that the main cause of the War against Iraq was the petroleum. The United States needs to assure for itself an uninterrupted supply of oil, since they are one of the great importers and the Middle East is the main source of the product. The argument shows that the economic and social costs are greater than the benefits and defends that special emphasis should be given to the conservation of energy and mainly to the development of renewable sources of energy.

Keywords: Iraq War; renewable sources of energy; conservation of energy; oil production; world oil reserves.

1

INTRODUÇÃO

O governo afirma que invadiu o Iraque porque somente uma “mudança de regime” poderia nos proteger da ameaça de armas de destruição em massa. Além disso, dizem eles, essa mudança removerá uma ameaça iminente à segurança americana e levará a democracia ao Iraque, e esse exemplo contribuirá para o desenvolvimento da democracia na região. Por outro lado, as democracias tendem a ser pacíficas e, assim sendo, o resultado da invasão será maior segurança regional e ameaça menor para os cidadãos dos Estados Unidos.

2

UMA OBSERVAÇÃO CÉTICA

A comprovação da existência de armas de destruição em massa tem sido, na melhor das hipóteses, controversa. Até hoje – após concluída a invasão – nada mais foi descoberto. Não há dúvida de que havia uma ameaça, mas os inspetores desmantelaram muitas das instalações de Saddam, e as bombas britânicas e americanas destruíram muitas outras. Ainda não há uma prova clara da existência de *quaisquer* armas de destruição em massa ou de quaisquer instalações para produzi-las. Se tivessem sido encontradas provas concretas, elas estariam em toda a mídia em um piscar de olhos. Mesmo assim, algumas armas podem ter sido mantidas e escondidas há muito tempo – mas as armas biológicas provavelmente seriam muito antigas e produzidas em escala muito pequena para serem eficazes. É claro que, no final, ainda poderá ser encontrada alguma coisa perigosa, que foi escondida dos inspetores (embora não nuclear – o Iraque nunca desenvolveu com sucesso armas nucleares) e que não foi descoberta durante a invasão.

Na realidade, o que ficou claro até agora é que, longe de ser uma ameaça maior, Saddam na realidade tornou-se uma ameaça menor do que foi no passado. Suas forças armadas foram reduzidas a mais ou menos a metade do tamanho anterior, o seu armamento convencional tornou-se obsoleto, seus

mísseis foram utilizados e não foram substituídos e a maior parte de qualquer arsenal de destruição em massa que ele possa ter tido foi destruída pelos inspetores ou pelo bombardeio. Além disso, ficou claro que o regime não era popular: no norte os curdos estavam em revolta mais ou menos declarada, e no sul do país a maioria xiita estava há muito ressentida com sua exclusão do governo. Em resumo, antes da invasão do Iraque, Saddam parecia estar mais fraco e menos poderoso que nunca.

Antes da invasão, o governo parecia não ter um plano para o que poderia acontecer após Saddam ser deposto. Nenhuma das perguntas óbvias foi respondida: Quem o substituiria? Haveria uma nova constituição? Quem a redigiria e como? Seria admitida uma verdadeira democracia, mesmo se os partidos fundamentalistas islâmicos fossem conduzidos ao poder por meio de eleições parlamentares? Os franceses e os russos tinham grandes investimentos no Iraque; esses investimentos seriam protegidos? Além disso, o Iraque acumulou uma enorme dívida externa (dez vezes maior que a de outros países endividados, como a Argentina). Grande parte dessa dívida era com o Kuwait, a título de indenização, mas boa parte era devida também aos franceses e russos, em decorrência de vários tipos de projetos de desenvolvimento. Os franceses e os russos seriam autorizados a participar da reconstrução do Iraque e convidados para tomar parte das decisões políticas?

Finalmente, os curdos do Norte já tinham se tornado semi-independentes. Ainda não está claro o que está planejado para eles. Os turcos concordarão com o surgimento de um quase Estado curdo? (Várias vezes os turcos ameaçaram declarar guerra para evitar isso, e suas suspeitas tiveram um papel importante na recusa em permitir que as tropas dos Estados Unidos alcançassem o norte do Iraque a partir da Turquia!) No caso do Sul, e se os xiitas quiserem estabelecer um Estado fundamentalista islâmico ou mesmo aliar-se ao Irã?

Em vez de abordar essas questões, o governo consistentemente fugiu delas e continua a fazê-lo. Entretanto, uma análise dos documentos produzidos pelo grupo que cerca o vice-presidente Cheney e pelos neoconservadores em geral indica um interesse no uso da força militar para retraçar o mapa do Oriente Médio. Porém, em quaisquer desses documentos, tem sido difícil encontrar detalhes. De modo geral, o governo manteve o seu projeto em segredo e se concentrou publicamente nas “armas de destruição em massa”, nas ameaças à segurança dos cidadãos norte-americanos etc. Antes da invasão, os planos do governo para um novo Iraque e para o controle do petróleo nunca foram publicados. Pode-se compreender, é claro, que o governo não quis divulgar antecipadamente os seus planos. Entretanto, mesmo assim, não há evidências de que *havia* um plano. A administração e a reconstrução do

Iraque do pós-guerra nem sequer parecem ter sido discutidas, até que o governo foi pressionado pela comunidade internacional – e, mesmo assim, a equipe do presidente Bush está se *opondo* publicamente à “construção da nação”. Em retrospectiva, parece que a equipe tem algo completamente diferente em mente... talvez um governo obediente e autoritário, mas pró-americano, além de uma presença militar maciça dos Estados Unidos? Nesse caso, por que valeria a pena ir à guerra para conseguir isso?

Um motivo poderia ser para aumentar a segurança de Israel, por meio da reconfiguração do equilíbrio de poder no Oriente Médio. O mesmo é plausível e o governo já o admitiu. Isso fornece um fundamento para o uso da força para remover Saddam e para reestruturar o Iraque. Essa perspectiva não é, em absoluto, inconsistente com a nossa hipótese; na realidade, ela a complementa. Entretanto, queremos nos concentrar nos aspectos econômicos. E esses aspectos se concentram na...

3

QUESTÃO DO PETRÓLEO

A história do petróleo no Oriente Médio começa com Franklin D. Roosevelt, que enviou o eminente geólogo Everitt Lee DeGolyer ao Oriente Médio para responder à pergunta feita por Roosevelt: “Qual a importância das reservas de petróleo do Golfo Pérsico para o futuro do mundo?”. A resposta foi: importante o suficiente para justificar o apoio a uma monarquia retrógrada e medieval, em troca de acesso irrestrito ao petróleo saudita. Um acordo ainda em vigor, embora mais precário do que nunca.

Vale lembrar que a Arábia Saudita teve uma participação importante no 11 de setembro. Ela não somente foi a base de 16 dos 19 seqüestradores, como também ficou aparente que pressões internas impediram o regime de cooperar com a investigação. Além disso, descobriu-se que dinheiro saudita financiou tanto o Taliban como a Al Qaeda, além, é claro, do próprio Bin Laden – e do seu dinheiro –, que teve origem no *establishment* saudita, próximo à família real. O maior produtor e dono da maior e mais facilmente explorada reserva de petróleo do mundo não podia mais ser considerado leal e cooperativo. Os Estados Unidos dependem da Arábia Súdita – e do Iraque! – para a importação de petróleo. É pouco provável que os empresários do setor de petróleo do Texas, que participam de forma proeminente do governo, optem pela conservação e pelo aumento da eficiência da energia. O que fazer? Bem, a *fraqueza* de Saddam, juntamente com a sua beligerância e impopularidade geral, ofereceu a oportunidade.

Para entender o que significou essa oportunidade, precisamos analisar as importações de petróleo pelos países industrializados (EUA e OCDE Europa), juntamente com a produção anual de petróleo, bem como as demais reservas de petróleo, por região. O resultado fornecerá explicações para os atos do governo.

■ 3.1 Organização para Cooperação e Desenvolvimento Europeu – Importações

Os detratores do “motivo do petróleo” têm afirmado freqüentemente que os EUA não dependem tanto do petróleo do Oriente Médio. A Tabela 1 representa as importações de petróleo pelos países da OCDE, classificadas por regiões e países. Os valores são em milhões de barris por dia, média para o ano 2002. Os dados são do Departamento de Energia, Administração das Informações sobre Energia, Washington, D.C. A parte superior da tabela indica as importações líquidas de petróleo dos EUA, OCDE Europa, França, Alemanha e Japão. A parte inferior da tabela indica de onde esses países fizeram suas importações. Os números absolutos são milhões de barris por dia e os números entre colchetes representam o porcentual de importações feitas das diferentes regiões.

Na Tabela 1, a primeira linha indica que os EUA são responsáveis por quase a metade das importações líquidas de petróleo do mundo. A OCDE Europa vem em seguida. Os EUA importam 2,3 milhões de barris por dia do Oriente Médio, e a Europa importa um pouco mais, aproximadamente 2,56 milhões. Em termos percentuais, a parcela de importação dos EUA é menor: 20,2%, em relação a 35,9% da OCDE Europa. Como pode ser observado, para os EUA a maior parcela das importações vem da Arábia Saudita. Na realidade, isso ocorre com todos os principais países da OCDE. Para os EUA, entretanto, uma grande parcela de importações vem também da Venezuela. É importante observar que, com exceção da Alemanha, os demais países da OCDE Europa, e mais ainda o Japão, são fortemente dependentes do petróleo do Oriente Médio.

Devem-se, entretanto, analisar não apenas as importações e os percentuais de importação do Oriente Médio, mas a produção anual, as reservas remanescentes e o tempo para a exaustão.¹ Isso nos permite ver quem controla os mais significativos recursos potenciais.

1. (Para detalhes sobre como calcular as reservas e o tempo para a exaustão, ver A. Scholl e W. Semmler em *Sustainable economic growth and exhaustible resources: a model and estimation for the US* em *Discrete dynamics in nature and society*, v. 7 (2), p. 79-92, 2002).

Tabela 1

Importações de petróleo

Importações de petróleo (milhões de barris/dia)		Origem das importações de petróleo em 2002 (milhões de barris por dia)				
		EUA	OCDE Europa	França	Alemanha	Japão
Importações líquidas totais	23,74					
EUA	11,12					
OCDE Europa	7,12					
França	1,68					
Alemanha	2,55					
Japão	5,58					
		[% de importações de]	[% de importações de]	[% de importações de]	[% de importações de]	[% de importações de]
Golfo Pérsico/Oriente Médio		2,25 [20,20]	2,56 [35,96]	0,46 [27,38]	0,084 [3,29]	4,14 [74,19]
Irã		0 [0]	0,74 [10,39]	0,09 [5,36]	0 [0]	0,63 [11,29]
Iraque		0,32 [2,88]	0,58 [8,15]	0,13 [7,74]	0,002 [0,08]	0 [0]
Kuwait		0,22 [1,98]	0,09 [1,26]	0 [0]	0,02 [0,78]	0,55 [9,86]
Arábia Saudita		1,68 [15,11]	1,13 [15,87]	0,23 [13,69]	0,081 [3,18]	1,28 [22,94]
Emirados Árabes Unidos		0,012 [0,11]	0,04 [0,56]	0,02 [1,19]	0 [0]	1,18 [21,15]
Venezuela		1,32 [11,87]	0 [0]	0 [0]	0,011 [0,43]	0,018 [0,32]

fonte: Administração de Informação sobre Energia (jan. 2003).

■ 3.2 Produção de petróleo e reservas mundiais de petróleo

A Tabela 2 resume a produção e as reservas mundiais de petróleo. Mais uma vez, os números são da *Administração de Informações sobre Energia* (janeiro de 2003). A primeira coluna indica os países produtores de petróleo e a segunda coluna indica a produção mundial de petróleo em 2001, ou seja: a produção diária. A terceira coluna representa as reservas comprovadas de petróleo, que, é claro, dependem da tecnologia de detecção e de prospecção, e de aspectos relacionados. Na terceira coluna, entre colchetes, podemos observar a parcela das reservas de petróleo de cada país ou de cada região, como um percentual das reservas totais mundiais. Os números entre parênteses indicam a porcentagem do total mundial. Na quarta coluna são mostrados os índices de produção anual (obtidos pela multiplicação da segunda coluna pelo número de dias do ano) em relação às reservas.

Tabela 2

Produção de petróleo e reservas de petróleo

	Produção (2001) (milhares de barris/dia)	Reservas (2001) (bilhões de barris) [% do total mundial]	Índice da produção em relação às reservas (2001) (produção anual/reservas)
Total Mundial	67,95	1.017,73	0,024
OPEP	28,3		
Golfo Pérsico/Oriente Médio		662,48 [65,09]	
Irã	3,38	99,08 [9,74]	0,0123
Iraque	2,32	115,00 [11,3]	0,00073
Kuwait	1,85	98,85 [9,71]	0,00067
Arábia Saudita	7,30	261,65 [25,71]	0,0104
Emirados Árabes Unidos	2,04	62,82 [6,17]	0,0117
Venezuela	2,63	50,22 [4,93]	0,0189
EUA	5,80	21,50 [2,11]	0,057
Canadá	2,03	5,36 [0,53]	0,0136
México	3,13	23,11 [2,27]	0,0487
Rússia	7,05	53,86 [5,29]	0,047

fonte: *Administração de Informação sobre Energia* (jan. 2003).

Se considerarmos o total das reservas de petróleo dos EUA, reservas comprovadas e não comprovadas, há no país reservas de petróleo para cerca de mais 40 anos. Em relação às reservas comprovadas, parece que aproximadamente dois terços das reservas de petróleo do mundo estão no Oriente Médio,

uma grande parcela, e 25,7% das reservas mundiais (e aproximadamente 40% das reservas do Oriente Médio) estão na Arábia sùdita. Se essas reservas caírem em mãos erradas, poderá ser ruim. Porém, *elas podem ser substituídas*. O Iraque, que vem em seguida (e há rumores de que o Iraque possui reservas ainda maiores que as indicadas nesse quadro), tem uma participação de cerca de 11% nas reservas mundiais de petróleo. (Durante algum tempo, rumores da comunidade de inteligência indicavam que o Iraque teria reservas de petróleo no nível das da Arábia Saudita, ou maiores. Conforme publicado no *New York Times* (10 de abril), o Centro de Estudos sobre Energia Global, de Londres, estimou as reservas de petróleo do Iraque em 300 bilhões de barris, bem acima das reservas da Arábia Saudita. Entretanto, essas estimativas foram rejeitadas pela U.S. Geological Survey (Pesquisas Geológicas dos EUA).

De qualquer modo, comparem-se as reservas do Iraque às reservas combinadas dos EUA, Canadá (não incluindo as areias betuminosas) e México, que totalizam apenas 5,1% das reservas mundiais! Agora considerem-se os vizinhos próximos do Iraque: os Emirados Árabes Unidos têm 6,7% e o Kuwait tem 9,7% das reservas mundiais. Juntos, o Iraque, o Kuwait e os Emirados Árabes Unidos poderiam ser responsáveis por quase 30% das reservas conhecidas. (Algumas estimativas situam os Emirados Árabes Unidos em uma posição superior à aqui indicada.)

Entretanto, o que parece mais importante é que as reservas de petróleo do Oriente Médio – em particular as do Iraque – estão muito subexploradas. A quarta coluna da Tabela 2 indica a produção anual de petróleo em relação às reservas dos respectivos países. Para o Oriente Médio esse índice apresenta, em média, um valor próximo a 0,01 – o que significa que o tempo médio para a exaustão das reservas de petróleo é de cerca de 100 anos. No caso do Iraque, entretanto, esse tempo pode ser de aproximadamente 130 a 140 anos. Nos EUA, México e Rússia, com valores próximos a 0,05, faltam apenas cerca de 20 anos para a exaustão (das reservas comprovadas). Na realidade, essa tabela enfatiza um grande problema geopolítico, no qual, de um lado, as reservas dos países de economia avançada estão diminuindo rapidamente e, conseqüentemente, estão *superexploradas*, enquanto, por outro lado, as reservas do Oriente Médio são muito maiores e significativamente *subexploradas*.

É claro que, conforme mencionado, a tecnologia de prospecção e de produção de petróleo está mudando continuamente, e ainda mais rapidamente nos dias de hoje. Isso é resultado do chamado DOFF (digital oilfield of future, campo petrolífero digital do futuro). O DOFF se baseia em tecnologias de informação, prospecção e controle, que atualmente tornam a prospecção e a produção muito mais exata e dirigida. Recentemente, estimativas de reservas

recuperáveis em Alberta, Canadá, foram muito aumentadas em conseqüência de avanços na tecnologia de recuperação de petróleo de areias betuminosas. Entretanto, esse petróleo será caro e demorará algum tempo para que seja explorado. Por outro lado, avanços rápidos podem beneficiar todas as regiões ricas em petróleo, particularmente o potencial de petróleo não explorado do Oriente Médio. Além da atratividade, o petróleo do Oriente Médio ainda é muito mais barato para ser explorado.

Para finalizar, nos EUA, o petróleo, o gás natural e o carvão, juntos, fornecem cerca de 82% de toda a energia, e o petróleo e o gás, aproximadamente dois terços. Dois terços das reservas comprovadas estão no Oriente Médio. Nos EUA, México e Venezuela, e em menor parte no Canadá, os anos remanescentes para a exaustão das reservas conhecidas de petróleo são de apenas um quinto dos anos para a exaustão no Oriente Médio.

Fica ainda claro que as economias modernas estão baseadas na energia tanto quanto no conhecimento. Conforme ficou demonstrado na invasão do Iraque, as guerras modernas exigem não apenas Tecnologia da Informação do mais alto padrão, mas também uma quantidade imensa de energia. O conhecimento pode ser produzido, mas a energia tem de ser garantida. E o Oriente Médio é a principal fonte de energia do mundo.

É claro que poderá haver uma mudança para fontes renováveis de energia, mas para isso será necessária energia. Se a China e a Índia, para não citar o restante do Terceiro Mundo, desenvolverem um padrão de vida decente, o consumo de combustível fóssil mais do que dobrará. Conseqüentemente, será necessário um acréscimo substancial para que o mundo mude de combustíveis fósseis para energia renovável. A produção de petróleo nos EUA e no mundo atingiu um pico de cerca de 25 bilhões de barris em 2000 e cairá para menos de 5 bilhões até 2050. Desde 1980, a produção de petróleo no Texas foi reduzida para aproximadamente a metade, mas as reservas do Oriente Médio durarão muito mais tempo.²

Na realidade, as reservas de petróleo do Oriente Médio serão necessárias para fornecer energia para a transição – que só pode ser feita uma vez. Isso porque as fontes não renováveis estarão esgotadas. Em outras palavras, conforme discutimos acima, se esta guerra “não for” pelo petróleo, a discussão *deveria ser* sobre o petróleo. Controle do petróleo, e não destruição em massa, é o verdadeiro problema: o problema de longo prazo, não apenas para o Oci-

2. Long Term World Oil Supply, EIA, 2003.

dente, mas também para o resto do mundo. Basicamente, o mundo tem apenas *uma chance* de fazer a transição de uma civilização industrial alimentada por combustíveis fósseis para uma baseada em energia renovável. Serão necessárias todas as reservas existentes para fazer essa transição. O Oriente Médio possui dois terços das reservas mundiais – e é não apenas instável, mas cada vez mais antiocidental.

Sir Arthur Balfour, o secretário de Relações Exteriores britânico, exprimiu-se muito bem em 1918, falando a respeito da Mesopotâmia, como o Oriente Médio era então conhecido: “Eu não me importo sob que sistema vamos garantir o petróleo, mas estou muito seguro de que é fundamental para nós que o petróleo esteja disponível”.

4

CUSTOS E BENEFÍCIOS DE CONTROLAR O IRAQUE

■ 4.1 Possíveis vantagens

O principal benefício dessa invasão será o controle não apenas do petróleo do Iraque, mas de toda a área, permitindo a consolidação da produção do Iraque com a do Kuwait e dos demais países do Golfo. A presença a longo prazo de uma grande quantidade de tropas dos EUA, agora baseadas no Iraque, com novos portos para a frota norte-americana no Golfo, poderá incentivar a integração da produção, refino e exportação de petróleo em toda a região do Golfo. Isso trará os pequenos países do Golfo, simpáticos ao Ocidente, juntamente com o Kuwait e o sul do Iraque, para uma união regional, protegida pelos EUA (As regiões curdas do norte do Iraque poderão se libertar e se desenvolver separadamente, mas também deverão ser protegidas pelas bases americanas e britânicas). A nova confederação de produtores de petróleo do Golfo estaria solidamente aliada aos EUA e ao Ocidente, e forneceria uma proteção importante caso o regime saudita fosse deposto e o seu petróleo caísse sob o controle de ativistas antiocidentais. Para colocar esse ponto em perspectiva, se o regime saudita se mantiver no poder, o sucesso da tomada do Iraque garantirá que os EUA e o Ocidente terão 50% das reservas mundiais de petróleo bem protegidas pelas bases aéreas, terrestres e navais recém-estabelecidas dos EUA. No caso de um colapso saudita, o Ocidente ainda terá 30% do petróleo mundial e não terá de se voltar para a Rússia em busca de energia. Em outras palavras: o governo não está interessado apenas em assu-

mir o controle do petróleo do Iraque. Trata-se de retraçar a geografia política de todo o Oriente Médio, garantindo o controle de toda a região.

Entretanto, esses benefícios só podem ser garantidos se o Iraque e os seus campos de petróleo forem tomados intactos. A anarquia generalizada em Bagdá e outras cidades, a destruição das instalações de produção de petróleo e da infra-estrutura, saques e sabotagem, até mesmo com alguns campos de petróleo incendiados, obviamente atrasarão a retomada da produção, principalmente se houver resistência popular e guerra de guerrilha. Esses problemas já são sérios. É improvável que quaisquer benefícios da invasão sejam realizados a curto prazo. O governo já anunciou que a transição levará tempo...

Porém, nas regiões curdas ao norte, as coisas poderão ser mais favoráveis – embora o ressentimento em relação à coalizão seja evidente até mesmo lá. Um projeto subjacente poderá ser a criação de um Estado do Curdistão ou pelo menos de uma área autônoma, tendo como dotação o petróleo de Kirkuk e Mosul. Esse novo Estado do Curdistão deverá então ser protegido de seus vizinhos hostis, presumivelmente, com uma grande base militar norte-americana e britânica. Pode-se esperar que os curdos estejam dispostos a conceder essa base e aceitar que empresas americanas e britânicas operem o setor petrolífero. Eles são, na maioria, fortemente pró-americanos e pró-britânicos. Porém, um alto preço terá de ser pago, sob a forma de ódio turco. Isso poderá reduzir as chances de a Turquia vir a fazer parte da União Européia e poderá provocar futura desestabilização na Turquia.

■ 4.2 Custos potenciais

Por outro lado, a invasão já criou novas tensões e intensificou os antagonismos existentes no mundo árabe e islâmico – e até mesmo em muitas outras áreas. O presidente Mubarak, do Egito, avisou que isso poderá criar “100 Osama Bin Ladens”. O ataque tem sido visto, e acreditamos que com razão, como uma tomada do petróleo, no velho estilo imperialista. Entretanto, não apenas do petróleo iraquiano – ao contrário, foi planejado para retraçar o mapa militar e político do Oriente Médio, com o objetivo de garantir para o Ocidente o controle sobre os potenciais recursos petrolíferos da região. As ações militares para garantir esse objetivo parecem ter provocado profundo descontentamento em todo o mundo e são consideradas por muitos como desestabilizadoras das instituições internacionais criadas logo após a Segunda Guerra Mundial, principalmente os princípios de consulta e de ação conjunta por intermédio das Nações Unidas. Na ausência de qualquer prova concreta de que Saddam representava um sério perigo – até agora nada foi compro-

vado –, a doutrina de ataques preventivos parece ter sido uma desculpa para a tomada dos recursos petrolíferos. A longo prazo, o descontentamento provocado poderá desestabilizar seriamente os Estados pró-Occidente, incluindo os do Golfo.

Outro possível resultado de longo prazo poderá ser o de que o ódio popular nas nações produtoras de petróleo provoque ações no sentido de cortar o fornecimento de petróleo, principalmente para os EUA e para o Reino Unido. Pode-se esperar o surgimento de um sentimento antiamericano e anti-Occidente, incluindo atos terroristas. Os sauditas, é claro, serão a chave. Se eles continuarem a fornecer petróleo, não haverá embargo. Além disso, se o embargo não for generalizado, as nações que se recusarem a fornecer petróleo simplesmente deixarão o mercado para as demais nações e prejudicarão a si próprias. Porém, e se o governo saudita se sentir ameaçado? E se outros governos pró-Occidente também se assustarem?

É claro que os EUA usarão influência e diplomacia para evitar um embargo, e poderão vender suas reservas estratégicas de petróleo, que foram acumuladas durante os últimos anos, para impedir que os preços aumentem muito rapidamente. Entretanto, em face das intensas paixões que a invasão provocou, a diplomacia poderá não ir muito longe, e as reservas estratégicas de petróleo, bem como as reservas que não as do Oriente Médio, são limitadas. Elas são muito pequenas para compensar um embargo determinado. Poderá não ser tão fácil manter os preços baixos diante de um grande corte no fornecimento.

5

EFEITOS ECONÔMICOS – RECESSÃO MUNDIAL, CUSTOS DA GUERRA

Em 2001 e 2002, o crescimento econômico nos EUA e no mundo diminuiu. Agora, a invasão do Iraque acrescentou mais incertezas, o que provavelmente exacerbará as forças recessivas. Há dois cenários geralmente considerados: o primeiro é de retração pura. Assume-se que os preços do petróleo e de energia não aumentarão significativamente, mas a incerteza adicional reduzirá o consumo e a demanda de investimentos, enfraquecendo a produção e a renda e gerando uma recessão secundária – tornando-a uma recessão duplamente profunda. Embora nos círculos ligados aos bancos centrais tal cenário tenha provocado apreensão, esse cenário puramente deflacionário não parece ser plausível.

O cenário mais provável é mais complicado – e mais perigoso. A expectativa básica generalizada era e é a de que os preços do petróleo aumentem, talvez bruscamente, a partir dos níveis atuais já elevados, de US\$ 30 por barril. Atualmente, os preços do petróleo estão próximos do pico histórico, que ocorreu durante o choque do petróleo nos anos 90 – um preço de US\$ 36 por barril. Os preços do petróleo também subiram rapidamente durante a Guerra do Golfo. Recentemente, os preços de energia e do gás aumentaram aproximadamente 35% a 40%, de meados de fevereiro a meados de março, e permaneceram elevados. O petróleo é um recurso escasso e – mesmo sem a guerra do Iraque – os preços provavelmente aumentariam. Preços elevados do petróleo provocam uma elevação de custos em toda a economia e provocam ainda cortes em outros gastos, agravando a recessão.

Além da tendência de alta dos preços do petróleo, há também o fato de que os preços têm demonstrado uma instabilidade alarmante nos últimos anos. Mesmo que os preços não subam muito mais, a tendência evidente para a flutuação aumentará a incerteza e os custos de planejamento e de *hedging*, levando as empresas a agir com cautela.

O impacto dos preços de petróleo mais elevados poderá ser exacerbado por uma mudança de alguns produtores para a denominação do petróleo em euros, e não em dólares. Isso já está ocorrendo e poderá se intensificar. Os pagamentos de petróleo denominados em dólares não pressionam o dólar, mesmo que esses pagamentos tendam a aumentar o déficit da balança de pagamentos. Os dólares pagos por petróleo permanecem na economia em dólares, mesmo que não seja na economia dos EUA. Mas, se o petróleo for denominado em euros, os dólares pagos pelo petróleo deixarão a economia em dólares e o resultado poderá ser uma pressão de baixa sobre a taxa de câmbio. Isso poderá tornar mais caras as importações em geral, gerando pressão inflacionária.

No momento, estamos observando deflação de preços e recessão na atividade econômica. Na realidade, os preços dos produtos têm estado baixos por algum tempo. Isso é ainda mais acentuado na Europa. Um aumento nos preços do petróleo atuará como um choque externo em relação aos custos, isto é: os custos de importação aumentarão os custos de produção, em uma época em que os preços dos produtos estão baixos. Esse aumento de custos diminuirá as margens – como ocorreu nas crises do petróleo dos anos 70. E isso enfraquecerá quaisquer tendências de investimento, o que piorará ainda mais a recessão.

Devido ao estado atual da economia dos EUA, um forte aumento nos preços da energia provavelmente minará a confiança do consumidor, principalmente se os preços das demais importações também subirem. A confiança do

consumidor caiu fortemente durante a Guerra do Golfo e provocou uma forte recessão (que ajudou George Bush a perder a eleição presidencial). Prevendo isso, e considerando-se a preocupação com as incertezas gerais provocadas pelos resultados geopolíticos da invasão, haverá uma tendência de fuga dos capitais estrangeiros de curto prazo de Wall Street (As ações das empresas do setor de defesa poderão estar mais seguras, mas, mesmo no caso dessas empresas, a incerteza poderá levar à cautela, de modo que é pouco provável que o preço dessas ações aumente). Os fundos começarão a se voltar para o euro e para o yen. Wall Street começará a cair e o dólar cairá com ela. Essa perda adicional de valor se somará às pressões para diminuição do consumo, e a queda do dólar se somará às pressões inflacionárias geradas pelo aumento nos preços da energia. Ambas contribuirão para o aprofundamento da recessão e, à medida que ela se aprofunda, aumentará a velocidade da fuga de capitais. A espiral descendente estará se auto-alimentando.

Além disso, as pressões recessivas serão canalizadas para um movimento de baixa, já em pleno andamento. Parece provável que as esperanças de uma recuperação rápida foram sempre excessivamente otimistas. Se a recuperação tivesse começado e permanecido durante o verão de 2002, a recessão poderia ter sido a mais curta da história. Nenhuma recessão dos EUA jamais iniciou uma recuperação em tempo tão curto. As esperanças de recuperação basearam-se em fortes gastos continuados por parte dos consumidores já sobrecarregados com uma dívida sem precedentes – e que, nas faixas superiores de renda, já sofreram enormes perdas de capital! Uma nova queda nos preços dos ativos, à medida que a bolha da economia continua a esvaziar, provocará uma queda ainda maior no consumo. E mais, os investimentos têm estado baixos por um ano e a taxa de desemprego nos EUA é superior a 5,7% e continua crescendo.

Na recessão provocada e exacerbada pela Guerra do Golfo, o Fed ainda foi capaz de socorrer a economia, cortando drasticamente as taxas de juros, de 7% a 8% para 3,5%. Hoje, entretanto, com a atual taxa de juros em 1,25% nos EUA e em 2,5% na área do euro – e em condições quase deflacionárias –, os bancos centrais não têm muito espaço para estimular as economias. As taxas de juros nominais só podem ir até zero, provocando, nesse caso, uma crise de liquidez – com conseqüências perigosas para a economia japonesa, conforme ficou comprovado nos últimos dez anos.

Outro fator importante é que as empresas aéreas, juntamente com o setor de turismo em todo o mundo, provavelmente entrarão em colapso devido ao medo do terrorismo e a outras incertezas. Os gastos com habitação ainda não diminuíram, mas não apresentam mais um crescimento confiável. Os espe-

cialistas sugeriram que uma explosão da bolha de habitação e imóveis poderá ser mais perigosa do que o colapso do mercado de ações. Isso ainda não aconteceu, mas há nuvens negras no horizonte.

Resumindo, o impacto geral da invasão poderá ter sido o de exacerbar a recessão, provocando, ao mesmo tempo, pressões para aumentos de custo. O que acontecerá em seguida dependerá do sucesso na fase posterior à invasão. Na feliz eventualidade de paz e um bom governo serem rapidamente estabelecidos, com pouca ou nenhuma resistência por parte do Iraque e com um mínimo de ressentimento no restante do Oriente Médio, o capital de curto prazo poderá começar a voltar para o dólar e para Wall Street – principalmente se a reconstrução sugerir a promessa de uma aliança nova e estável com o Ocidente para garantir o fornecimento de petróleo do Golfo. Mas esse cenário é muito otimista.

É muito mais provável que a infra-estrutura e as instalações de produção de petróleo que foram danificadas sejam muito mais difíceis de serem recuperadas, os ressentimentos aumentem em todo o mundo árabe e as pressões para um embargo sejam, pelo menos parcialmente, eficazes. Assim, os preços do petróleo serão forçados para cima e deverão permanecer elevados. Provavelmente o terrorismo fará algumas demonstrações mais espetaculares, levando o setor mundial de viagens e turismo para as profundezas. A recessão nos EUA se aprofundará e as pressões inflacionárias aumentarão: “estagflação”.

Finalmente, queremos observar que o impacto dos preços mais elevados do petróleo será maior para os países do Terceiro Mundo, cuja maior parte das economias já está enfraquecida. Uma alta nos preços do petróleo aumentará os gastos com importação, forçando-os a cortar planos de investimento e prejudicando as balanças de pagamento. As moedas estarão em perigo. A elevação nos preços do petróleo e a desvalorização da moeda gerarão inflação de custo, ao mesmo tempo em que os países são forçados a cortar investimentos. Conseqüentemente, eles sofrerão estagflação. Isso, por sua vez, reduzirá o comércio internacional e, conseqüentemente, contribuirá para o aumento da recessão nos países desenvolvidos.

Esse cenário poderá, então, levar ao que poderíamos considerar uma decisão desastrosa do Fed – desastrosa, mas não totalmente improvável. Especificamente, para conter a inflação e para fortalecer o dólar, o Fed poderia se sentir tentado a aumentar as taxas de juros. É pouco provável que essa decisão consiga atingir qualquer dos dois objetivos, mas prejudicará ainda mais os mercados de imóveis e de habitação. Conforme anteriormente mencionado, há o pensamento generalizado de que nesses mercados os preços já ultrapassaram os limites. Quando os preços começarem a cair, é provável que a cor-

reção se acelere e poderá facilmente ser exagerada. Em outras palavras: poderá haver um *crash* no setor de imóveis e habitação. Se isso ocorrer, o efeito sobre os gastos do consumidor poderá ser dramático – e piorado pelo recente e imprudente endurecimento nas leis de falência, que diminuirá a velocidade da recuperação.

A longo prazo, entretanto, há um fator de compensação que é, paradoxalmente, o próprio esforço de reconstrução do Iraque. Se ele for prolongado, a solicitação de grandes aumentos nos gastos militares e afins, a *América Corporation* – o complexo industrial-militar – será substancialmente beneficiada. Isso aumentará o emprego e os lucros com fabricação e alta tecnologia.

Entretanto, parece pouco provável que isso, por si só, seja suficiente para restaurar a confiança do consumidor ou para trazer de volta o clima geral favorável para encorajar os investimentos. (A confiança e os gastos do consumidor diminuíram durante a Guerra do Golfo e os investimentos não foram retomados até meados dos anos 90.) E nem o aumento nos gastos militares fará qualquer coisa para controlar a inflação – é muito provável que ocorra o contrário. Com o crescimento previsto para os EUA situado abaixo de 1%, e para a área do euro abaixo de 0,5%, as economias desenvolvidas estão muito frágeis para suportar choques profundos. As economias atuais são muito diferentes das do tempo da Guerra do Golfo, em 1990/1991.

Então, se a política monetária provavelmente for incapaz de uma operação de salvamento, a política fiscal poderá resolver o problema? Tradicionalmente se imagina que grandes déficits em conta corrente – provavelmente de US\$ 300 bilhões em 2003, e aproximadamente do mesmo valor nos próximos anos – poderiam aumentar os gastos, a produção e o emprego. Porém, isso não é tão certo.

Em primeiro lugar, o enorme corte tributário do Governo Bush não foi projetado para ser um pacote de estímulos. Um pacote desse tipo seria muito diferente. A estratégia de redução tributária pode ter sido drasticamente desenvolvida para forçar reduções nos gastos públicos, tornando os cidadãos responsáveis pelos próprios gastos com bem-estar, saúde, educação e previdência social. Esse é um velho *truque* da era Reagan. Uma vez que poderia haver forte oposição a um ataque direto aos gastos públicos, a tática é primeiro reduzir os impostos e, depois, na iminência de déficits, torna-se mais fácil discutir a necessidade de reduzir os gastos com serviços públicos, sociais, saúde, educação etc.

Em segundo lugar, os impostos estão sendo diminuídos para os ricos e serão cortados para os dividendos. Isso significa que os impostos que estão

sendo reduzidos incidem sobre a renda que normalmente, ou geralmente, é *economizada*. Assim, o efeito da diminuição dos impostos será o de maior poupança, e não de maiores gastos. Em outras palavras, a redução fiscal não fornecerá muito estímulo. (Algumas vezes argumenta-se que o aumento na poupança poderia tender a diminuir as taxas de juros. Isso pode ter sido verdade no passado. Atualmente – e, na realidade, desde a Segunda Guerra Mundial – as taxas de juros têm sido determinadas pelos bancos centrais. As pressões de mercado podem afetar as margens, mas normalmente isso tem pouco efeito.)

Em terceiro lugar, haverá uma enorme quantidade de gastos adicionais, mas a maior parte será no exterior. Especialistas estimam que a reconstrução do Iraque custará pelo menos US\$ 100 bilhões ou, talvez, até US\$ 600 bilhões durante a próxima década. Esses recursos, cuja maior parte será proveniente dos EUA e complementada pelas receitas derivadas do petróleo iraquiano, praticamente não terão efeitos expansionistas no mercado de trabalho dos EUA, uma vez que os gastos serão feitos principalmente no Iraque.

Em quarto lugar, o aumento no financiamento do setor público implica grandes financiamentos externos. Porém, a conta corrente dos EUA tem estado negativa todos os anos, desde meados dos anos 80, e poderá começar a haver dificuldades em atrair os fluxos de capitais necessários – principalmente se o euro começar a ser uma alternativa atraente como moeda de reserva. Isso poderá provocar uma queda nas taxas de juros de longo prazo, que poderão ter um efeito negativo sobre a compra de bens de consumo durável e sobre os investimentos. Finalmente, mesmo considerando que grandes déficits orçamentários de modo geral estimulam a economia, há tantos fatores que provocam o aumento da incerteza que a geração desse déficit poderá não ser uma alternativa atraente.

Deve-se acrescentar um comentário a respeito dos custos da guerra, não apenas em termos de perdas de vidas humanas da população civil, mas também em termos de danos à população civil, mesmo para aqueles que não são diretamente afetados pelas ações militares. A população do Iraque é muito jovem, e as crianças e os jovens ainda não concluíram a fase de crescimento. Eles são vulneráveis a danos físicos e a ferimentos de forma que os adultos não são. A guerra e o seu resultado podem provocar efeitos de longo prazo sobre a saúde – perda de audição, problemas de visão, trauma e choque psicológico, bem como a perda de bens pessoais e insultos à honra nacional ou pessoal. Além disso, haverá o dano cultural – às antiguidades, às artes, à arqueologia, às edificações antigas e aos locais dos primórdios da civilização. Uma lista dos danos de guerra é quase infinita. Essa é a razão de a guerra ser o último recurso.

6

CONCLUSÕES

Há planos de recuperação para o Iraque. Figuras proeminentes foram escolhidas para assumir os Ministérios e para administrar o país no pós-guerra. Mesmo assim, poucas das pessoas indicadas parecem ter experiência a respeito do Iraque. A maioria delas nem mesmo fala a língua ou sequer passou muito tempo no país. Um executivo americano da Shell foi indicado para ser o *czar* do Petróleo. Ahmad Chalabi, que os civis do Pentágono apóiam como um possível líder, parece não ter seguidores no Iraque e tem uma reputação muito controversa na comunidade no exílio. Nada disso contribui para aumentar a confiança dos céticos ou parece bem para o restante do Oriente Médio...

No final, a invasão provou ter sido surpreendentemente rápida e fácil, após um começo difícil. Saddam foi deposto e os campos de petróleo foram tomados praticamente intactos. Porém, os efeitos imediatos e de curto prazo até agora têm sido neutros ou negativos. Nem o mercado de ações nem os gastos das empresas tiveram aumento. A confiança do consumidor permanece fraca. Os preços do petróleo continuam elevados e a fuga de capitais de curto prazo continua uma possibilidade, o que poderá provocar uma queda em Wall Street e o enfraquecimento do dólar. Além disso, o medo do terrorismo e, agora, da SARS provocou um colapso no setor de viagens e turismo. A política monetária fez praticamente tudo o que pode e parece estar caminhando para uma crise de liquidez.

Devido ao aumento da incerteza nos EUA, a política fiscal e os déficits provavelmente não terão o efeito de aumentar a produção. Além disso, devido às restrições sobre os gastos do governo na área do euro, a política fiscal não poderá ser a salvação. Tudo isso contribuirá para o aumento da recessão. Mas se a paz mostrar sinais de sucesso, o capital de curto prazo poderá ser induzido a voltar, a queda do dólar poderá ser moderada e o aumento nos preços do petróleo poderá ser controlado, enquanto os EUA consolidam a sua nova posição no Golfo. Mesmo assim, é provável que a recessão piore e que a inflação, uma vez iniciada pela alta nos preços do petróleo e pela queda do dólar, possa ser difícil de controlar.

Porém, suponhamos que a paz não venha tão facilmente e que governar Bagdá e outras cidades seja difícil e controverso. Suponhamos que os fundamentalistas xiitas antiamericanos se transformem em uma força poderosa e que surja uma guerrilha determinada e não disposta a negociar. Suponhamos que aumentem as perdas sofridas pelas nossas tropas e pelas tropas dos nossos

aliados, além das perdas não menos importantes de civis iraquianos. Suponhamos que o ódio decorrente da invasão alastre-se por todo o Oriente Médio e que os governos pró-ocidentais sejam desestabilizados ou mesmo demubados, e que o Iraque seja dividido por facções e lutas internas. Suponhamos que as instalações de produção de petróleo sejam alvo de sabotagem, que os campos sejam incendiados e que terroristas ataquem americanos e ocidentais em todo o planeta, enquanto o embargo do petróleo corrói o nosso padrão de vida...

Afinal, talvez tivesse sido mais aconselhável analisar melhor a conservação e as fontes renováveis de energia.

Referências

Scholl, A. and Semmler, W. **Sustainable Economic Growth and Exhaustible Resources: A Model and Estimation for the US** in *Discrete Dynamics in Nature and Society*, vol 7 (2):79-92, 2002.

Energy Information Administration. **Long Term World Oil Supply**. Washington, 2003.

■ Tramitação

Recebido em 25/08/2003 e aprovado em 22/09/2003.